




EDUCAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO ROMANCE *DOM CASMURRO*, DE MACHADO DE ASSIS

EDUCATION AND REPRESENTATION OF WOMEN IN THE NOVEL *DOM CASMURRO*, BY MACHADO DE ASSIS

EDUCACIÓN Y REPRESENTACIÓN DE LA MUJER EN LA NOVELA *DOM CASMURRO*, DE MACHADO DE ASSIS

 <https://doi.org/10.56238/levv16n50-020>

Data de submissão: 04/06/2025

Data de publicação: 04/07/2025

Romario Ribeiro dos Praseres

Mestrando em Educação e Cultura - PPGEDUC. Universidade Federal do Pará

E-mail: romariodospraseres@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3214834117523082>

Ilma da Silva Lopes

Mestranda em Estudos da Linguagem - PPCEL. Universidade Federal do Pará

E-mail: ilmalp1127@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4550008296569063>

RESUMO

Este artigo propõe evidenciar a educação e a representação da mulher no romance *Dom Casmurro*, com base na trajetória da personagem Capitu, inserida no contexto social do século XIX. A problemática reside na análise das limitações impostas à educação das mulheres e nos mecanismos de silenciamento feminino no período oitocentista. O estudo objetiva investigar de que modo a personagem é representada por Machado de Assis a partir da perspectiva de um narrador masculino e pouco confiável. Dessa forma, destaca-se o rompimento dos modelos tradicionais de feminilidade através de traços de autonomia, astúcia e ambiguidade de Capitu. Apesar disso, ao investigar de que modo a educação da personagem se estabelece, nos deparamos com restrições que reforçam o modelo tradicional de ensino a que mulheres da época eram submetidas. A metodologia adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, centrada na análise textual do romance e fundamentada em autoras como Nísia Floresta (2016), Vera Andrade (1999), Linda Gualda (2007), entre outras. Com base na análise da obra, os resultados evidenciam que Capitu, ainda que inserida em um contexto patriarcal, que restringe o acesso das mulheres ao saber formal, consegue se deslocar entre as normas sociais, sem se submeter completamente a elas. Conclui-se que o autor do romance, apesar de não tratar diretamente das questões sobre gênero e educação, sobretudo no contexto feminino, propicia, a partir de sua narrativa, interpretações que favorecem uma maior compreensão dessas problemáticas.

Palavras-chave: Educação. Representação da mulher. Machado de Assis.

ABSTRACT

This article proposes to highlight the education and representation of women in the novel *Dom Casmurro*, based on the trajectory of the character Capitu, inserted in the social context of the 19th century. The problem lies in the analysis of the limitations imposed on women's education and the mechanisms of female silencing in the nineteenth century. The study aims to investigate how the

character is represented by Machado de Assis from the perspective of a male and unreliable narrator. In this way, the rupture with traditional models of femininity is highlighted through Capitu's traits of autonomy, cleverness, and ambiguity. Nevertheless, when investigating how the character's education is established, we are faced with restrictions that reinforce the traditional model of education to which women of the time were subjected. The methodology adopts a qualitative and interpretative approach, centered on the textual analysis of the novel and based on authors such as Nísia Floresta (2016), Vera Andrade (1999), Linda Gualda (2007), among others. Based on the analysis of the work, the results show that Capitu, although inserted in a patriarchal context that restricts women's access to formal knowledge, manages to move through social norms without fully submitting to them. It is concluded that the author of the novel, although not directly addressing issues of gender and education, especially in the female context, provides, through his narrative, interpretations that favor a greater understanding of these issues.

Keywords: Education. Representation of women. Machado de Assis.

RESUMEN

Este artículo propone evidenciar la educación y la representación de la mujer en la novela *Dom Casmurro*, a partir de la trayectoria de la personaje Capitu, inserta en el contexto social del siglo XIX. La problemática radica en el análisis de las limitaciones impuestas a la educación de las mujeres y en los mecanismos de silenciamiento femenino durante el periodo decimonónico. El estudio tiene como objetivo investigar de qué manera la personaje es representada por Machado de Assis desde la perspectiva de un narrador masculino y poco confiable. De este modo, se destaca la ruptura con los modelos tradicionales de feminidad a través de los rasgos de autonomía, astucia y ambigüedad de Capitu. No obstante, al investigar cómo se establece la educación de la personaje, nos enfrentamos a restricciones que refuerzan el modelo tradicional de enseñanza al que eran sometidas las mujeres de la época. La metodología adopta un enfoque cualitativo e interpretativo, centrado en el análisis textual de la novela y fundamentado en autoras como Nísia Floresta (2016), Vera Andrade (1999), Linda Gualda (2007), entre otras. Con base en el análisis de la obra, los resultados evidencian que Capitu, aunque inserta en un contexto patriarcal que restringe el acceso de las mujeres al saber formal, logra desplazarse entre las normas sociales sin someterse completamente a ellas. Se concluye que el autor de la novela, a pesar de no abordar directamente las cuestiones de género y educación, especialmente en el contexto femenino, posibilita, a partir de su narrativa, interpretaciones que favorecen una mayor comprensión de dichas problemáticas.

Palabras clave: Educación. Representación de la mujer. Machado de Assis.

1 INTRODUÇÃO

Machado de Assis, reconhecido como importante nome da literatura brasileira, destaca-se como figura essencial na transição entre o Romantismo e o Realismo, visto que, ao longo de suas produções, já apresentava traços inovadores que demonstravam transformações em sua estilística. Em suas primeiras obras, como *Ressurreição* (1872), *A Mão e a Luva* (1874) e *Helena* (1876) o autor seguia moldes românticos, mas com uma análise psicológica mais profunda dos personagens, fugindo do sentimentalismo excessivo e do idealismo típico do período. Evidencia em suas obras uma profunda habilidade em explorar as nuances da condição humana e os dilemas sociais de seu tempo.

Em *Dom Casmurro*, publicado em 1900, essa transição estilística se reforça, sobretudo, na primorosa construção da personagem Capitu. Distante dos arquétipos femininos idealizados pelo Romantismo, a personagem surge como uma figura multifacetada e desafiadora, cuja representação rompe com os estereótipos do século XIX. Desse modo, Machado constrói Capitu com traços que lhe conferem independência, inteligência e um magnetismo envolto em mistério. Tal natureza enigmática e misteriosa, a torna ambígua, oscilando entre a inocência e a astúcia, a sinceridade e a dissimulação, de modo que suas ações e interesses permanecem sempre seguros à interpretação do leitor. Esse jogo dual desfaz a idealização estática das mulheres em narrativas românticas, projetando Capitu como uma figura atípica ao padrão de personagens que a precederam.

Sendo assim, a problemática deste estudo reside na análise da representação feminina e na formação educacional que era cerceada para as mulheres, a partir das experiências discursivas da obra e do destino da personagem Capitu. A narrativa em primeira pessoa, na perspectiva de Bento Santiago, denota insegurança e ciúme, fazendo com que o leitor, em um primeiro momento, tenha noções da personalidade e comportamento de Capitu, em grande parte, a partir de um prisma não confiável. No entanto, a complexidade da personagem machadiana não se restringe apenas nessa visão limitada e enviesada. A construção narrativa do autor se estabelece em parâmetros mais densos, onde essa perspectiva não confiável se firma nas primeiras camadas do romance.

Este estudo justifica-se pela necessidade de explorar as relações entre literatura e sociedade, evidenciando como o romance subverte, ainda que sutilmente, os papéis tradicionais de gênero. A compreensão das limitações e estratégias de resistência da personagem feminina aqui analisada, contribui para um debate atual sobre as desigualdades de gênero, reforçando a importância da literatura como ferramenta de crítica social e histórica.

O método de pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de cunho interpretativo, centrada na análise textual de *Dom Casmurro*. A pesquisa literária foi realizada com base em uma leitura atenta e crítica da obra, aliada ao exame de fontes históricas e teóricas que abordam a educação feminina e as relações de gênero no Brasil do século XIX.

A fundamentação teórica apoia-se em autores que fornecem subsídios históricos e críticos que ajudam no diálogo com o autor, entre eles, Vera Andrade (1999), que discute o modelo de educação limitado às mulheres no período monárquico; Nísia Floresta (2016), pioneira na defesa da educação feminina como meio de emancipação e crítica à exclusão das mulheres dos espaços públicos; e Linda Gualda (2007), cujas reflexões sobre as representações femininas na obra machadiana aprofundam o entendimento da complexidade de *Capitu*. O processo de análise foi estruturado em três etapas: levantamento e leitura das obras teóricas e literárias; identificação e interpretação das passagens relevantes do romance que tratam da educação e da representação feminina; e diálogo com o contexto histórico para articular as representações literárias às práticas sociais de exclusão.

Esta análise se distribui em duas sessões, a primeira voltada para personagem *Capitu*, com ênfase em sua ambiguidade e de que modo se apresenta dentro dos parâmetros femininos estabelecidos na época. A segunda, discorre sobre o modelo educacional a que mulheres eram submetidas, a partir de como a personagem *Capitu* está inserida no contexto social da obra.

2 A AMBIGUIDADE DE CAPITU E OS PAPÉIS FEMININOS

Machado de Assis constrói *Capitu* como uma personagem que desafia, em certa medida, as expectativas sociais sobre as mulheres no século XIX, criando uma figura ambígua que combina características de conformidade estratégica, isto é, utiliza situações em que a conformidade feminina é esperada, não por acreditar ou aceitar totalmente, mas por escolha e benefício próprio. Tais comportamentos reforçam sua esperteza e autonomia para resolver circunstâncias problemáticas. Por um lado, *Capitu* aparenta cumprir os papéis esperados de uma mulher de sua época. Por outro, sua inteligência prática, seu olhar crítico e sua capacidade de agir de forma independente revelam uma mulher que utiliza tais expectativas para abrir espaço afim de gerenciar seus interesses, sem se submeter completamente às normas.

Ao examinar o romance, em diversos trechos, é possível verificar as características supracitadas. Há um episódio em que isso se evidencia de modo mais explícito quando o casal protagonista se encontra de mãos dadas, próximos a um muro em que a personagem escreveu “*Capitu e Bentinho*”. Nesse momento, são surpreendidos pelo pai de *Capitu*:

Vocês estavam jogando o siso? Perguntou.

Olhei para um pé de sabugueiro que ficava perto; *Capitu* respondeu por ambos.

-Estávamos, sim, senhor, mas *Bentinho* ri logo, não aguenta.

- Quando eu cheguei à porta, não ria.

- Já tinha rido das outras vezes, não pode. Papai quer ver?

E séria, fitou em mim os olhos, convidando-me ao jogo. O susto é naturalmente sério; eu estava ainda sob a ação do que trouxe a entrada de *Pádua*, e não fui capaz de rir, por mais que devesse fazê-lo, para legitimar a resposta de *Capitu*. Esta, cansada de esperar, desviou o rosto, dizendo que eu não ria daquela vez por estar ao pé do pai. E nem assim ri. Há coisas que só se aprendem tarde; é mister nascer com elas para fazê-las cedo. (Assis, 2015, p. 29)

Neste diálogo, Capitu toma frente da situação e se encarrega de responder pelo casal. Elaborando uma justificativa convincente para o comportamento de Bentinho, tenta atenuar qualquer julgamento por parte de seu pai. O uso da ironia e da sutileza em sua fala demonstra inteligência e sagacidade, que vai além de um comportamento socialmente esperado, corriqueiramente descrito nos romances do feminino oitocentista. A personagem compreende o ambiente em que está inserida e, sem hesitar, utiliza os códigos sociais a seu favor para evitar um possível constrangimento. Esse episódio ilustra como Capitu opera dentro do que é esperado, mas sem abdicar de sua autonomia. Projeta uma imagem de respeito e obediência, entretanto, demonstra sua capacidade de manusear situações complexas.

No entanto, o olhar de Bentinho sobre Capitu reflete a diferença entre os dois: enquanto ele permanece preso à emoção e ao susto, ela já domina as nuances da convivência social. Menezes (2016, p.5) explica que isto o deixava desconcertado, assustado, pois lhe “pareceu estranho que a vizinha tivesse o poder de fingir e encobrir verdades. É justamente a imagem de mentirosa e fingida que o narrador passa ao leitor, ainda que em um discurso não direto, não explícito”.

Tal desconforto do protagonista se intensifica na medida em que enxerga traços que não correspondem ao modelo tradicional de feminilidade oitocentista. Para uma sociedade patriarcal, como a de Dom Casmurro, mulheres que dominavam a retórica ou demonstravam uma inteligência prática, eram frequentemente vistas com desconfiança. De acordo com Follador:

Ao longo da história, a imagem do feminino esteve ligada a ambiguidades. Os homens, aqueles a quem cabiam os relatos à posteridade, expressavam seus sentimentos e opiniões de forma dupla, ora demonstrando amor e admiração às mulheres, ora demonstrando ódio e repulsa. O olhar masculino reservava às mulheres imagens diferentes, sendo em determinados momentos um ser frágil, vitimizado e santo, e, em outros, uma mulher forte, perigosa e pecadora. (Follador, 2009, p.6)

A divisão desse olhar explicita as dificuldades em lidar com mulheres que não se encaixavam nas expectativas rígidas de comportamentos e papéis femininos impostos. No caso de Capitu, a ambivalência de Bentinho é um reflexo desse dilema, pois ele a vê tanto como objeto de desejo e afeição quanto como uma ameaça à sua autoridade e controle, especialmente quando a personagem não se sujeita a essa perspectiva, construída socialmente, de mulher ideal. É possível identificar, desse modo, uma manifestação das formas como o patriarcado que cultua uma mulher idealizada, e que ao mesmo tempo a teme quando escapa aos seus moldes e se revela autônoma, desafiando as regras estabelecidas. Essa perspectiva limitada do narrador condiciona o leitor numa posição de questionamento sobre a conduta de Capitu.

Outra maneira de caracterizar a personagem, do ponto de vista moral, é verificar sua capacidade de pensar rápido: “a cabeça de minha amiga sabia pensar claro e depressa” (Assis, 2015, p.69). Era inteligente e esperta: “Capitu refletia. A reflexão não era coisa rara nela, e conheciam-se as ocasiões

pelo apertado dos olhos” (Assis, 2015, p. 34). Em tais descrições, a personagem torna-se um espelho distorcido dos temores masculinos sobre o poder feminino. Ao conferir-lhe atributos que eram reconhecidos tradicionalmente em homens, como a racionalidade para pensar “rápido e depressa” ou para refletir e tomar a decisão mais assertiva possível, Machado transforma Capitu em uma figura onde a ambiguidade se reforça e a distância do modelo tradicional feminino.

Na construção narrativa da obra, a menina da rua Matacavalos, torna-se um enigma, um desafio à sociedade patriarcal que preferia manter mulheres em papéis fixos e previsíveis. Sua complexidade, que se manifesta na astúcia, reflexão e perspicácia faz dela uma ameaça ao *status quo*. Machado, assim, insinua uma crítica sutil às expectativas sociais de sua época, e explora os limites da percepção masculina sobre as mulheres.

O personagem José Dias, agregado da família de Bentinho, descreve os olhos de Capitu como “de cigana oblíqua e dissimulada”(Assis, 2015, p.43), adicionando outra camada ao enigma que a representa, no sentido de a ver como uma mulher de difícil leitura. Os termos usados pelo autor são carregados de intencionalidades, conduzindo o leitor atento a ampliar sua perspectiva sobre Capitu, visualizando-a, de certa maneira, como um desvio dos parâmetros sociais estabelecidos no contexto do romance. Ao adjetivá-la como oblíqua e dissimulada, Machado sugere, implicitamente, uma inquietação masculina diante de uma mulher que parece ver e saber mais do que revela, desafiando a previsibilidade esperada. Impregnada de ambiguidade, essa reflexão reforça a construção da personagem como uma figura indomável e multifacetada, além de projetar os medos e preconceitos do narrador e dos personagens que a cercam.

Esse olhar característico, descrito de modos diversos dentro do romance, faz Bentinho refletir sobre seu significado. Diferente de José Dias, a perspectiva é permeada através de seus anseios e medos:

Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei o que de fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros; mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me (Assis, 2015, p.54)

Neste ponto, o personagem se depara novamente com o inquietante e misterioso olhar, demonstrando o medo de ser arrastado, utilizando a analogia da força das ondas. Em seu fluxo de consciência, tenta se agarrar e se distrair com outras partes da fisionomia de Capitu, porém falha por conta de seu desejo de encontrar as pupilas inevitáveis e envolventes. Essa reflexão denota a paixão em que o personagem está envolvido, com a contradição de desejar e temer. Bentinho não consegue fugir dos olhos que o puxam para o amor, mas é temeroso com as consequências de se colocar em uma

posição de total vulnerabilidade, visto que, tradicionalmente, é o homem que controla as emoções, enquanto a mulher é o ser frágil e vulnerável que se submete as consequências de um romance.

Nesse sentido, a dualidade estabelecida, reforçada pela visão sentimentalmente enviesada de Bentinho, aponta para uma relatividade da verdade. Machado de Assis, ao construir uma personagem feminina que escapa às definições claras e aos estereótipos tradicionais, desafia o leitor a interpretá-la para além do olhar patriarcal do protagonista. Nessa perspectiva, Capitu é apresentada como uma representação de mulher que, mesmo vivendo sob restrições sociais, encontra formas de subverter, mesmo que silenciosamente, as expectativas impostas pela sociedade. Sobre isso, Gualda (2007, p. 161) destaca que a condição feminina apresentadas nas personagens machadianas é clara: “está presa ao estabelecido, conserva o padrão, mas no discurso reservado, no fluxo do pensamento, as personagens refutam, questionam os papéis que lhe são impostos na sociedade brasileira”.

Em outra passagem do romance, após um beijo entre os personagens, interrompido abruptamente, o narrador descreve a maneira como Capitu controla e conduz a situação desconcertante:

No meio de uma situação que me atava a língua, usava da palavra com a maior ingenuidade deste mundo. A minha persuasão é que o coração não lhe batia nem mais nem menos. Alegou susto, e deu a cara um ar meio enfiado; mas eu, que sabia de tudo, vi que era mentira e fiquei com inveja (Assis, 2015, p. 63)

É possível verificar que Bentinho sentia falta em si de algo que encontrava nela. Capitu não era ingênua, mas fingia ingenuidade para encobrir suas reais intenções, mesmo diante de problemas complexos. Através dessas experiências, ao presenciar os comportamentos estratégicos de sua companheira, o narrador reforça o contraste entre o ideal feminino socialmente aceito, que está inserido em seu imaginário, e aquilo que se apresenta na realidade. Assim, nos deparamos com Capitu sendo essa personagem que se desloca entre os papais sociais esperados e a verdade escondida por trás de suas intenções e ações. Nesse sentido, podemos afirmar, diante das condições que a mulher estava inserida, que o único meio possível de manifestação de seus desejos se dava a partir de atitudes implícitas.

Outrossim, as inseguranças do narrador em relação a sua amiga também ficam evidentes quando ele declara que “(...) Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem” (Assis, 2015, p.51). Essa declaração ao invés de reafirmar sua masculinidade, ilustra uma fragilidade que contrasta com a força subjetiva de Capitu. Sua feminilidade transcende os limites impostos pelo patriarcado e expõe a insegurança de Bentinho, um protagonista cuja percepção limitada denuncia os valores de uma sociedade que condicionava os homens ao domínio e as mulheres à subserviência. Dessa maneira, a personagem escapa dessa categorização, afirmando-se como uma figura cuja essência desafia os moldes sociais do período oitocentista.

Em suma, Machado de Assis, ao construir uma personagem multifacetada, propicia ao leitor certas reflexões críticas dos papéis rígidos destinados às mulheres, além de expor as fragilidades do

narrador masculino que tenta enquadrá-la em estereótipos reducionistas. A partir da análise da obra, infere-se que há um direcionamento para o rompimento do ideal de pureza feminina, uma vez que Assis não a descreve como uma mulher ingênua ou inexperiente. A personagem compreende o mundo e age da forma estratégica dentro dele, moldando-o ao seu favor, dentro daquilo que é possível.

3 SABER E SILÊNCIO: A EDUCAÇÃO DOMÉSTICA PARA MULHERES

Ao longo do romance e de sua narrativa, é possível identificar informações valiosas para a análise das estruturas sociais do século XIX, especialmente no que tange ao tipo de educação atribuído às mulheres na sociedade brasileira oitocentista. Capitu, como mencionado anteriormente, se destaca entre as representações femininas na obra. A personagem convive dentro de um ambiente em que se espera a obediência às regras, vivendo no interior de relações que estabelecem uma moral da qual, apesar de suas qualidades significantes, não pode fugir completamente. Capitu simboliza a figura da mulher que é excluída de espaços formais de educação, que estuda apenas o necessário para adquirir habilidades práticas que sustentam o ideal doméstico. Seu par, Bentinho, ao contrário, transita pelos caminhos do saber formal continuamente. Essa assimetria reflete um sistema educacional e social que reservava o acesso ao conhecimento às figuras masculinas, enquanto confinava as mulheres à domesticidade.

Essa concepção de formação está presente, implicitamente, desde as primeiras descrições sobre Capitu,

(...) as mãos, a despeito de alguns ofícios rudes, eram curadas com amor; não cheiravam a sabões finos nem águas de toucador, mas com água do poço e sabão comum trazi-as sem mácula. Calçava sapatos de duraque, rasos e velhos, a que ela mesma dera alguns pontos (Assis, 2015, p. 27 – 28).

O cuidado com as mãos, apesar dos ofícios rudes, denota que o aprendizado da menina da rua de Matacavalos concilia o trabalho manual com a preservação de uma imagem de limpeza e ordem, atributos valorizados para mulheres destinadas ao espaço doméstico. Já o fato dela mesma dar alguns pontos nos sapatos destaca habilidades manuais que eram esperadas como parte da formação prática de uma dona de casa ideal.

No capítulo XXXI, Bentinho descreve Capitu como “minuciosa e atenta” (Assis, 2015, p. 51), além de ser demasiadamente curiosa, havia nela um ímpeto pelo saber:

Era também curiosa. As curiosidades de Capitu dão para um capítulo. Eram de várias espécies, explicáveis e inexplicáveis, assim úteis como inúteis, umas graves outras frívolas; gostava de saber tudo. No colégio, onde desde os sete anos aprendera a ler, escrever e contar, francês, doutrina e obras de agulha, não aprendeu, por exemplo, a fazer renda; por isso mesmo, quis que prima Justina lho ensinasse (Assis, 2015, p. 51)

Compreendemos, a partir disso, que a personagem teve acesso a um conhecimento institucionalizado. No entanto, o colégio em que recebeu sua educação formal oferecia um ensino limitado àquilo que era necessário e conveniente que mulheres aprendessem. Isto é, o acesso ao saber estava condicionado a funções de utilidade doméstica ou para reforçar uma aparência culta e angelical, características de uma feminilidade esperada. O currículo escolar, composto, de acordo com a narrativa, por leitura, escrita, contagem, francês, doutrina e obras de agulha demonstra a ênfase em habilidades utilitárias e no reforço de valores morais que as preparassem para funções sociais específicas: esposas, mães e mantenedoras do lar.

Por outro lado, a educação formal de Bentinho se estabelece de modo mais abrangente e completo, no capítulo intitulado “cinco anos” o narrador descreve sua formação no nível superior: “venceu a razão; fui-me aos estudos. Passei os dezoito anos, os dezenove, os vinte, os vinte e um, aos vinte e dois era bacharel em direito” (Assis, 2015, p. 136). Tal formação era destinada estritamente a homens, não havendo espaço para possibilidade da formação feminina na área. O curso de Direito é uma profissão onde o uso da razão é um elemento imprescindível, haja vista que exige boa retórica, argumentação e calma para elaborar estratégias de convencimento. Essas características não eram bem vistas em comportamentos femininos, uma vez que mulheres que se propunham a questionar não contribuíam para o modelo de subserviência e passividade.

De acordo com Vera Andrade, durante a monarquia, período em que se passa o romance, a mulher era educada de maneira limitada, marcada por uma perspectiva tradicional que era reflexo da sociedade patriarcal, o que explica esse currículo restrito. A autora destaca:

A educação das meninas brancas das elites ocorria no espaço privado, isto é, em oposição ao público, sendo voltada para a formação da “rainha do lar e da mãe de família”, como uma forma de refinamento dos costumes sociais. “Ler e escrever bem em português, falar francês, declamar, conhecer música, saber dançar, receber com elegância e fazer trabalhos de agulhas, tornava as moças “cultas e prendadas” e preparadas para o casamento e para a vida em sociedade (Andrade, 1999, p. 40).

Esta abordagem educacional promove uma conformidade que serve ao propósito de consolidar o *status quo*, mulheres bem-educadas dentro desse modelo eram vistas como instrumentos de elevação e perpetuação da posição de suas famílias, garantindo casamentos vantajosos e o cumprimento das expectativas sociais. “O casamento e o lar, portanto, eram os locais de atuação da mulher no século XIX” (Costa, 2013, p. 74).

Saberes que ultrapassassem a aprendizagem prática para os ofícios do lar não poderiam ser ensinados às mulheres. Aprender latim, por exemplo, era reservado apenas aos meninos, Capitu descobre isso ao tentar estudar a língua:

Se não estudou latim com o padre Cabral foi porque o padre, depois de lho propor gracejando, acabou dizendo que latim não era língua de meninas. Capitu confessou-me um dia que esta razão acendeu nela o desejo de o saber (...) (Assis, 2015, p.51)

A exclusão do latim, justificada pela afirmação de que “não era língua de meninas”, é um exemplo claro da delimitação arbitrária dos saberes femininos. A barreira imposta, no entanto, não elimina o desejo de Capitu de ultrapassá-la, pelo contrário, ela revela uma inquietação intelectual que desafia, ainda que de forma velada, os papéis que lhe são atribuídos. O desejo contínuo de aprender mostra o ímpeto de sua resistência às normas sociais que tentam determinar o que é adequado para uma mulher conhecer. Essa recusa em aceitar passivamente a exclusão sublinha a complexidade da personagem e abre uma margem maior para críticas aos papéis sociais impostos às mulheres da época.

A limitação estabelecida no âmbito educacional, que impossibilitava seu desenvolvimento pleno, demonstrava também, conseqüentemente, a exclusão feminina dos espaços públicos de poder. Esse panorama social do século XIX, representado por Assis em *Dom Casmurro*, começou a ser questionado, fora da ficção, por mulheres que não aceitavam tais imposições. Entre elas, Nísia Floresta:

Por que a ciência nos é inútil? Porque somos excluídas dos cargos públicos; e por que somos excluídas dos cargos públicos? Porque não temos ciência [...] eu digo mais, não há ciência, nem cargo público no Estado, que as mulheres não sejam naturalmente próprias a preenchê-los tanto quanto os homens (Floresta, 2016, p. 136; 151).

Ao questionar, Floresta evidencia a relação direta entre o acesso restrito à educação e a exclusão das mulheres dos espaços de decisão e poder. Seu argumento expõe uma crítica contundente ao sistema patriarcal, que utilizou a falta de instrução como justificativa para perpetuar a desigualdade de gênero. Esse pensamento progressista, ainda que, de certo modo, solitário no contexto oitocentista, evidencia os primeiros passos de uma luta que buscava ampliar a presença feminina nos espaços públicos e intelectuais. Tal crítica ressoa como um contraponto às personagens machadianas, que, mesmo algumas sendo construídas em posições de autonomia parcial, como Capitu, permanecem circunscritas ao espaço privado.

Ao final do romance, o destino de Capitu está marcado por um silenciamento que transcende sua morte. Seu exílio para a Europa, distante tanto de sua terra e parentes, é o ápice de sua exclusão social e emocional. Bentinho, incapaz de lidar com uma esposa que desafia as expectativas normativas de submissão, impõe a Capitu um afastamento definitivo que simboliza a punição às mulheres que ousam transgredir, neste caso, mesmo que essa transgressão só exista na cabeça do narrador, visto que não há prova concreta na narrativa das acusações vinculadas a personagem. Essa dinâmica é ilustrada pela descrição da partida à Suíça, decisão tomada por Bentinho, para solução o problema que lhe afligia:

Fomos à Europa, não passear, nem ver nada, novo nem velho; paramos na Suíça. Uma professora do Rio Grande, que foi conosco, ficou de companhia a Capitu, ensinando a língua materna a Ezequiel, que aprenderia o resto nas escolas do país. Assim, regulada a vida, tornei ao Brasil (...) embarquei um ano depois, mas não a procurei, e repeti a viagem com o mesmo resultado (...) naturalmente as viagens eram feitas com o intuito de simular isto mesmo, e enganar a opinião. Um dia, finalmente... (Assis, 2015, p.182)

A exclusão de Capitu denota a incapacidade do narrador em compreendê-la como um ser independente. Sua ausência de voz direta no romance é também um elemento-chave desse silenciamento. Ao longo da narrativa, todas as falas da personagem são paráfrases de quem conduz a descrição dos diálogos. Ou seja, seus posicionamentos e opiniões são justificadas não por ela mesma, mas pela vontade de confirmação das dúvidas do narrador. Toda sua história é mediada pela perspectiva de Bentinho, que constantemente constrói sua imagem para atender às suas inseguranças e obsessões, até mesmo após a morte da companheira:

O resto é saber se a Capitu da praia da Glória já estava dentro da de Matacavalos, ou se foi mudada naquela por efeito de algum caso incidente (...), mas eu creio que não, e tu concordarás comigo; se te lembras bem de Capitu menina, hás de reconhecer que uma estava dentro da outra (...) (Assis, 2015, p. 189)

Neste trecho, do último capítulo do romance, o narrador fala com o leitor continuando a reforçar uma lembrança da personagem, tanto menina quanto mulher, como alguém que corrobora com a confirmação de suas inseguranças, ao não renunciar suas convicções a respeito do caráter de Capitu. Dessa maneira, tenta justificar seus motivos de isolar e silenciar sua esposa continuamente.

A descrição da morte de Capitu denota um apagamento literal e simbólico que lhe é imposto: “(...) a mãe, creio que ainda não disse que estava morta e enterrada. Estava; lá repousa na velha Suíça” (Assis, 2015, p. 185). Sua ausência definitiva, no entanto, deixa uma lacuna inescapável, evidenciando que, apesar de seu silenciamento, continua a existir na memória de Bentinho e, por extensão, na estrutura do romance. Mesmo quando não está presente, a força de sua lembrança reverbera, questionando as construções patriarcais que pretendiam apagá-la.

Em síntese, o romance abre margem para uma série de interpretações sobre as limitações educacionais e sociais projetadas às mulheres no Brasil do século XIX, que expõe a exclusão de um saber mais amplo e, conseqüentemente, de uma participação ativa no espaço público. Apesar disso, Capitu se mostra uma figura resiliente, com um desejo intrínseco de aprender e transgredir os limites impostos. No entanto, seu destino trágico, marcado pelo silenciamento e exílio, exemplifica a punição das mulheres que desafiam as convenções sociais. Assim, Machado de Assis apresenta, ainda que indiretamente na obra, as contradições e as tensões de um sistema educacional e social que negligencia a autonomia das mulheres, perpetua uma estrutura de poder que as subordina e as silencia, mesmo diante da morte.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O autor, ao construir uma narrativa que vai além da suspeita e da ambiguidade moral atribuída a Capitu, cria uma crítica sutil às estruturas patriarcais e às limitações impostas às mulheres no século XIX. A personagem, com sua inteligência prática e habilidade de se deslocar entre as normas sociais, sem se submeter completamente a elas, é o retrato da tensão entre conformidade e revolta. Sua

trajetória no romance expõe as barreiras impostas à educação e à autonomia feminina, mas também apresenta estratégias silenciosas que as mulheres utilizavam para contornar tais restrições.

Ao destacar a formação educacional de Capitu, restrita às convenções do lar, e contrastá-la com o espaço de saber formal concedido a Bentinho, torna explícitas as desigualdades de gênero enraizadas na sociedade brasileira da época. Mesmo apagada pela narrativa de Bentinho, Capitu resiste como um eco permanente, convidando leitores a fazer análises mais aguçadas e a questionar o papel da mulher na sociedade, revisitando elementos que moldaram, e ainda moldam, as relações de gênero.

Apesar de Machado não se comprometer de forma explícita nas discussões sobre gênero e educação, seu romance abre margem para interpretações que expõem o modo como se caracterizava a sociedade no século XIX, no que tange essas problemáticas. O presente estudo serve como contribuição das análises de como as mulheres eram representadas em romances do período, que, majoritariamente, eram escritos por homens. A narrativa machadiana é um retrato ficcional que demonstra como se constituía a realidade do período, visto que a literatura é também um reflexo da maneira como se estabelecem as relações humanas no recorte temporal em que os autores estão inseridos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Vera Lúcia Cabana de Queiroz. Colégio Pedro II – um lugar de memória. 1999. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

ASSIS, Machado. Dom Casmurro. São Paulo: Via Leitura, 2015.

COSTA, Lourenço Resende. História e gênero: a condição feminina no século XIX a partir dos romances de Machado de Assis. Revista Eletrônica Discente História.com, Cachoeira, v. 1, n. 2, 2013.

FLORESTA, Nísia Brasileira Augusta. Direitos das mulheres e injustiça dos homens. In: PADILHA, E. L. (org.). Nísia: Floresta uma mulher à frente do seu tempo. Brasília: Fundação Ulysses Guimarães, 2016. p. 95-190. Disponível em: <https://www.fundacaoulysses.org.br/wp-content/uploads/2016/11/Nisia-Floresta-completo.pdf>. Acesso em: 31 dez. 2024.

FOLLADOR, Kellen Jacobson. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. Revista Fato & Versões, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 3-16, 2009.

GUALDA, Linda Catarina. Representações do feminismo em Dom Casmurro: o silêncio de Capitu. O Marrare: Revista da Pós-Graduação em Literatura Portuguesa, Rio de Janeiro, n. 9, ano 8, p. 92-103, 2008. Disponível em: <http://www.omarrare.uerj.br/numero9/linda.html>. Acesso em: 5 dez. 2024.

MENEZES, Joceli Cezário de. A representação do feminino e o silêncio de Capitu na obra Dom Casmurro, de Machado de Assis. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016. Disponível em: <https://ieaa.ufam.edu.br/ultimas-noticias/2-uncategorised/155-tccs-letras-ano-2016.html>. Acesso em: 5 dez. 2024.